



**HAL**  
open science

## **E a Noite passou a ser de trevas: a Sida como catástrofe**

Fernando Curopos

► **To cite this version:**

Fernando Curopos. E a Noite passou a ser de trevas: a Sida como catástrofe. Catalonia, 2014, Avatars littéraires de la catastrophe, 15, pp.83-90. hal-03639190v2

**HAL Id: hal-03639190**

**<https://hal.science/hal-03639190v2>**

Submitted on 25 Oct 2022

**HAL** is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

## E a *Noite* passou a ser de trevas: a Sida como catástrofe

Fernando CUROPOS  
Université Paris-Sorbonne  
curoposfernando@yahoo.fr

**Résumé :** Avec la Révolution des Œillets du 25 avril 1974, les homosexuels/les portugais sortent définitivement du placard, déjà entrouvert durant la *Primavera Marcelista*. Ils réinvestissent certains quartiers de Lisbonne et vont donner naissance à un semblant de Movidá à la Portugaise, *a Noite* dans sa version lusitanienne. Néanmoins, l'insouciance est de courte durée, et l'apparition du VIH en 1981 plonge dans les ténèbres la Nuit portugaise. Le critique Eduardo Pitta affirme que « trinta anos passados sobre a descoberta do VIH, [...] é revelador que a representação da SIDA na literatura portuguesa seja praticamente nula ». Ce commentaire oblitère le rôle central du poète (et critique) Joaquim Manuel Magalhães à ce sujet, notamment son recueil *A Poeira levada pelo vento* (1993), qui s'inscrit clairement et en synchronie dans la « littérature du SIDA », témoignant ainsi de la « catastrophe ».

**Mots-clés :** Joaquim Manuel Magalhães, SIDA, poésie portugaise, homosexualité

«Não vês a treva?  
Não vês a outra treva? »  
Joaquim Manuel Magalhães

Embora tivesse surgido uma dicção homossexual no início do século XX, na senda da revolução modernista da geração de *Orpheu*, a subida ao poder de Salazar e a nova ordem do Estado Novo, impõe aos portugueses a sua trilogia «Deus, Pátria, Família», legitimando assim a heterossexualidade como norma absoluta, de caráter divino. Os homossexuais dos dois sexos corriam o risco, quando descobertos, de acabar na prisão da Mitra, no campo de trabalho de Pisão ou sofrer uma morte social. Sendo assim, o melhor, para esses dissidentes sexuais, é permanecer no armário e não se opor, pelo menos abertamente, ao heterofascismo imposto pelo regime salazarista. Trata-se portanto de uma «performance publique du subordonné, afin de satisfaire les attentes du dominant»<sup>1</sup>. No entanto, a homossociabilidade que já existia na Lisboa dos finais do século XIX e início do século XX, oscilando entre uma subcultura *camp* e um universo mais elitista ligado ao mundo das artes, renasce desde os finais dos anos 1960. Os homossexuais reterritorializam a capital portuguesa «de manière à construire une ville gay au milieu de (et souvent invisible à) la ville normative»<sup>2</sup>. Aos lugares de engate tradicionais como os parques e urinóis, forçosamente perigosos porque sujeitos a rugas da Polícia de Segurança Pública «a quem compete [...] impedir a prática de transgressões ou de quaisquer atos contrários aos bons costumes e à moral e decência

<sup>1</sup> SCOTT, James C. *La Domination et les Arts de la Résistance*. Paris: Éditions Amsterdam, 2008, p. 16. Tradução nossa.

<sup>2</sup> CHAUNCEY, George. *Gay New-York*. Paris: Fayard, 2003, p. 39. Tradução nossa.

públicas; [...] Vigiando os vadios, rufiões, homossexuais [e] prostitutas»<sup>3</sup>, vêm acrescentar-se outras formas de socialização. Alguns bares, restaurantes ou discotecas da «cidade normativa» passam a ser pontos de encontro e convívio para os homossexuais dos dois sexos, como é o caso da Cervejaria Reimar, dos cafés Monumental e Monte Carlo, ou das boites o Galo e Barbarella. Alguns desses espaços são abertos por homossexuais fora do armário, como o Insólito, o Antiquário, o Bar Z, o Memorial ou o Bric-à-Bar<sup>4</sup>. O Príncipe Real e o Bairro Alto tornam-se o epicentro da vida *gay* lisboeta apesar das rusgas frequentes.

Logo a seguir à Revolução do 25 de Abril, um vento de liberdade varre Portugal de norte a sul e entreabre o armário. Ora, romper com os anos de chumbo da ditadura salazarista passa também por proclamar a liberdade sexual. No dia 13 de maio de 1974, data simbólica por lembrar a ligação entre a repressão do Estado Novo e a da Igreja Católica, o Movimento de Acção dos Homossexuais Revolucionários (MAHR) publica no *Diário de Lisboa* um manifesto intitulado «Liberdade para as minorias sexuais»<sup>5</sup>. A criação desse efémero movimento precede de alguns dias o do Movimento de Libertação das Mulheres. Mas os membros da Revolução não são revolucionários em tudo, e a heterossexualidade ligada ao regime patriarcal, dois assuntos nos quais salazaristas e membros do Processo Revolucionário em Curso concordam. Perante o perigo *gay* e feminista, a reação não tarda e o Almirante Galvão de Melo, membro da Junta de Salvação Nacional, vai à televisão lembrar que a Revolução não foi feita «para as prostitutas e os homossexuais»<sup>6</sup>. Por isso, nem todos os Portugueses viram no 25 de Abril uma Revolução que lhes desse uma liberdade total.

No entanto, embora os preconceitos e a homofobia sustentados pelo Direito Penal e Código Civil continuassem a vigorar em Portugal, alguns homossexuais saem definitivamente do armário, já entreaberto durante a Primavera Marcelista. Se a poesia já tinha dado uma certa visibilidade e voz às minorias sexuais, é sobretudo a cultura *pop* dos anos 1970-80 que vai lhe dar azo, embora em modo *camp* e *queer* (daí um certo repúdio dessa maneira de expor a sua homossexualidade por parte daqueles que não se identificam com a feminilidade *camp* ou a irreverência *queer*), acrescentando ao PREC uma dimensão revolucionária suplementar, a revolução do Género, através do espetáculo de travesti, em espaços como o Scarlatty Clube, o Finalmente, o Memorial, o Porão da Nau, o Clássico Ma Non Troppo ou o Travelot<sup>7</sup>. O Scarlatty Clube, o mais badalado espaço do Príncipe Real, lança, no rescaldo da Revolução, as suas mil e umas noites: «a *Noite Branca, Noite Dourada, Noite Azul, Noite a Preto e Branco*»<sup>8</sup>. No limiar dos anos oitenta, a discoteca Trumps segue-lhe os passos, com as suas próprias Noites onde desaparecem as plumas e lantejoulas dos travestis, atraindo cada vez mais para o Príncipe Real e Bairro Alto uma boémia artística *gay* e *gay friendly* que se expande para o Bairro Alto a partir da abertura da discoteca Frágil (1982), com um público mais misto, cosmopolita e elitista. É nesses novos espaços de convívio que se

<sup>3</sup> ALMEIDA, São José. *Homossexuais no Estado Novo*. Porto: Sextante Editora, 2010, p. 79.

<sup>4</sup> Para um roteiro da vida *gay* da época, ver ALMEIDA, São José. *Op. cit.*, p. 169-186 e STICHINI, Joana; AROZOWSKI, Nick. *Lisboa Anos 60*. Lisboa: D. Quixote, 2012, p. 146-149.

<sup>5</sup> ALMEIDA, São José. *Op. cit.*, p. 223. É de notar que nada é dito acerca da formação do MLM no *Dicionário da Crítica Feminista*. MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa (orgs.). *Dicionário da Crítica Feminista*. Porto: Edições Afrontamento, 2005.

<sup>6</sup> ALMEIDA, São José. *Op. cit.*, p. 223.

<sup>7</sup> O Porão da Nau era uma boíte muito famosa e *select* onde se produziam as estrelas de variedade internacional. Os outros lugares eram estabelecimentos LGTB. O único ainda aberto é o Finalmente.

<sup>8</sup> GONZAGA, Manuela. *António Variações entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, 2006, p. 151.

forma um rede de homossociabilidade que rompe definitivamente com a clandestinidade e favorece o fulgor dos corpos:

Depois nem já clandestinos.  
A música dos novos bares  
atenuava um pouco  
a pretérita euforia das ruas.  
Pareciam barcas donde se ouvia  
clamores,  
a corrente fulgurava entre a sombra  
de cada corpo  
e da margem acenavam-nos  
com caminhos felizes  
que podiam ser logo abandonados<sup>9</sup>.

É portanto no eixo Bairro Alto-Príncipe Real que nasce um embrião de *Movida* portuguesa, a Noite na sua versão lusa, uma Noite feita de liberdade e experiências, e cujo hino será a «Canção de engate» (in *Dar e Receber*, 1984) de António Variações, cantor *queer* que vem revolucionar a música *pop* portuguesa:

Tu estás livre  
e eu estou livre  
e há uma noite a passar  
porque não vamos unidos  
porque não vamos ficar  
na aventura dos sentidos.  
[...]  
Vem que o amor não é o tempo  
nem é o tempo que o faz  
vem que o amor é o momento  
em que me dou e em que te dás<sup>10</sup>.

No entanto, a possibilidade dessa «aventura dos sentidos», do amor casual e sem compromisso, acaba com a aparição dos primeiros casos de SIDA<sup>11</sup> em junho de 1981. E a *Noite* passou a ser de trevas. António Variações será a primeira figura pública portuguesa a morrer de complicações ligadas a essa doença (13 de junho de 1984), notícia que aparecerá na primeira página do jornal *Expresso*<sup>12</sup>, reforçando o estereótipo que associava a SIDA a práticas homossexuais.

O crítico Eduardo Pitta afirma que «trinta anos passados sobre a descoberta do VIH, [...] é revelador que a representação da SIDA na literatura portuguesa seja praticamente nula<sup>13</sup>». Esse comentário oblitera o papel fulcral de Joaquim Manuel Magalhães a esse

---

<sup>9</sup> MAGALHÃES, Joaquim Manuel. *Alta Noite em Alta Fraga*. Lisboa: Relógio d'Água, 2001, p. 58. Indicaremos doravante o nº da página no corpo do texto com a indicação ANEAF. Em 2010 o poeta publica *Toldo Vermelho*, «volume [que] constitui a minha obra poética até 2001, a que acrescento um poema publicado em 2005. Exclui e substitui toda a anterior». *Toldo Vermelho*. Lisboa: Relógio d'Água, 2010, p. 198. Muitos dos poemas aqui tratados não se encontram nesse último volume, ou então reescritos.

<sup>10</sup> VARIACÕES, António. *Muda de Vida*. Lisboa: Relógio d'Água, 2006, p. 53.

<sup>11</sup> A expressão Síndrome de Imuno-Deficiência Adquirida, SIDA, nasce em dezembro de 1982.

<sup>12</sup> GONZAGA, Manuela. *Op. cit.*, p. 215.

<sup>13</sup> PITTA, Eduardo. «O Sexo dos anjos», in *Revista Ler*, nº 109, janeiro de 2012, p. 41. No entanto, no seu livro *Fractura: a condição homossexual na literatura portuguesa contemporânea*, nota que «*Alta Noite em Alta Fraga* é o momento em que a poesia portuguesa se confronta (sem disfarce) com a SIDA [...]».

respeito, nomeadamente no seu livro *A Poeira Levada pelo Vento* (1993), que se inscreve nitidamente e em sincronia na chamada «literatura da SIDA» já que, além de falar dela, o autor «ne procède à aucune esthétisation de la maladie»<sup>14</sup>. Aliás, torna-se um livro ainda mais notável por se tratar de poesia e de um tema que continuará a marcar a sua produção (como é o caso de *Alta Noite em alta fraga*, 2001), quando predominam as memórias, a autoficção, o teatro, para falar da doença. Embora Joaquim Manuel Magalhães também gostasse «de escrever poemas onde não falasse de ninguém./ [...] Poemas assim, que descrevessem a uma cena/ das que antecedem a destruição»<sup>15</sup> (APLPV, p. 33), a catástrofe da SIDA veio desencantar o mundo e logo, a sua escrita:

Voltar ao real, sim. Como o disse  
quando outros se refugiavam  
na linguagem da linguagem.  
[...]  
Mas sempre se esqueceram de que lhe chamei  
desencanto. (ANEAF, p. 68)

Ainda antes do fim do regime salazarista, a heteronormatividade deixara de ser hegemónica e a liberdade conseguida também fora uma liberdade sexual, ainda que efémera e essencialmente oculta para os *gays*. No meio da cidade normativa, os engates clandestinos aconteciam numa euforia dionisíaca, alheios à morte:

Nesse tempo o receio era tão pouco.  
Bastava estar atento ao mover dos olhos,  
à qualidade do sorriso, e todos éramos  
a grata euforia da entrega,  
a ejaculação que parecia nunca mais findar.  
Sempre outro corpo mais  
connosco seguiria. [...]  
Talvez nos julgassem clandestinos  
mas não findavam  
as viagens súbitas para um novo leito. (ANEAF, p. 56-57)

No entanto, «Tudo passou a história», e os «Jardins abertos [...] ninguém os atravessa agora.» (ANEAF, p. 59). Os engates retratados pelo poeta estão sempre imbuídos de melancolia e um certo desencanto, bem longe dessa euforia inicial, «nesse tempo», antes da SIDA:

Quantas vezes ao encontrar um corpo, depois  
das conversas espias que produzem o encantamento,  
descubro que não encontrei ninguém.  
[...]  
Quantas vezes, depois de enredos furtivos, descobri  
que nada nos teus olhos seguia o que meus olhos viam. (APLPV, p. 9)

---

PITTA, Eduardo. *Fractura: a condição homossexual na literatura portuguesa contemporânea*. Coimbra: Angelus Novus, 2003, p. 25.

<sup>14</sup> SPOIDEN, Stéphane. *La Littérature et le SIDA*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 2001, p. 11.

<sup>15</sup> MAGALHÃES, Joaquim Manuel. *A Poeira Levada pelo Vento*. Lisboa: Editorial Presença, 1993, p. 33. Indicaremos doravante o n° da página no corpo do texto com a indicação APLPV.

## *E a Noite passou a ser de trevas: a Sida como catástrofe*

São engates «furtivos» «depois de conversas espias», por se tratar de encontros fugindo à heteronormatividade, e por isso obrigados à clandestinidade. Um amor «Peregrino» (APLPV, p. 10) ainda há pouco considerado como «anti-natural»: «Estática, realista, anti-natural, a fuselagem/ felina de três homens, agarrados, perdidos, a tombar» (APLPV, p. 11). Nesse Portugal democrático e europeu do pós 25 de Abril continua a vigorar o machismo e a homofobia que levam muitos *gays* a permanecerem no armário: «Ainda que me digam/que vivemos em democracia eu digo/ que não sei [...]» (ANEAF, p. 78). E para se viver nesse mundo «sem aceitação», é preciso coragem e determinação, a que o próprio poeta indica ter e reconhecer em dois «rapazes» com quem se cruza numa livraria:

Talvez tivessem vindo de províncias  
para aprenderem não a vida mas  
para contrapor a vida à outra vida.  
O descuido da roupa que vestiam  
mostrava-os nos lados sem aceitação  
onde se salvariam os dois ou não se salvariam.  
Sem me verem, porém, eu via neles  
que nada os destruiria.  
Era o que me dizia, rapazes, a minha própria vida. (APLPV, p. 51)

Na «outra vida», «nos lados sem aceitação», isto é o mundo normativo, hegemónico e heterossexual, os encontros eram quase só possíveis nas margens da cidade («Num arquipélago de cidade», APLPV, p. 15) e resultavam, a maior parte das vezes, em amores furtivos e impossíveis:

Em breve um outro há-de ir contigo na tormenta.  
Mas por enquanto, encanto,  
deixa-me ver-te nos focos resinosos  
de uma dessas canções que nunca falam  
de mim, dos como eu, talvez  
(quem saberá, não é?) dos como nós.  
E no dedo anelar  
a catástrofe vai ficar-te mesmo bem. (APLPV, p. 15)

O armário continua a ser a norma para muitos homens que se submetem à «catástrofe do dedo anelar», a um casamento heterossexual que, pelos vistos, não corresponde à identidade sexual de muitos deles: «[...] o pior segredo é a alienação.» (ANEAF, p. 38). Esses homens, depois de casados, continuarão, com certeza, a rondar pelas margens da cidade.

No entanto, se ainda há pouco «a ejaculação [...] parecia nunca mais findar, «agora «há o sangue, o viscoso líquido do sexo./ao fim o esperma que pode assassinar» (APLPV, p. 24-25); «tudo se transformou em história./ Um vírus que nos deixou entregues/ ao anjo sem guarda.» (ANEAF, p. 27). Doravante, «as viagens súbitas para um novo leito» (APLPV, p. 57) só podem acontecer com «a gangrena do preservativo» (APLPV, p. 34). Pois, «Hoje há o cuidado. E se o amor/ ultrapassa o prazer,/ restam os testes e as suas repetições.» (ANEAF, p. 59).

É de notar que o poeta se identifica por completo com o que escreve, insistindo sobre a dimensão autobiográfica da sua escrita:

E se entendeste, leitor, as linhas que escrevi  
como exercício de linguagem, uma retórica

minada de prosódia e sem biografia,  
pára de me ler, não vale a pena,  
não voltes por favor a me ler. (APLPV, p. 16)

Os versos de Joaquim Manuel Magalhães tornam-se então o relato da catástrofe, relato na primeira pessoa daquele que permaneceu vivo quando amigos e amantes morreram:

Esta noite dormi com os amantes  
que tinham morrido. Ouvia-os  
no espaço por onde ondeia o nada.  
[...]  
Emprestam-me à minha mão o sexo  
que também eles um dia prenderam (ANEAF, p. 44)

O poeta descreve a morte em vida e o medo que precede a sua antevisão: «No gancho de um espelho a infecção/ que temia subir-lhe do linóleo./ Na trincheira de higiene e de procura.» (APLPV, p. 34). No espelho, não é um reflexo narcísico que se procura, mas os sinais que antecedem a catástrofe, um sinal de *molluscum contagiosum*, ou pior, do sarcoma de kaposi, «manchas que nas pernas, ao alastrar, desenham terra» (APLPV, p. 53). No espelho, o que se vê é a cara de «um outro», pois, «le visage du malade n'est plus le sien, c'est celui de la maladie»<sup>16</sup>.

O regresso ao real pretendido pelo autor torna-se profundamente disfórico. Os efeitos da doença são retratados com detalhe, «description sans complaisance du corps délabré»<sup>17</sup>, *topos* da literatura da SIDA:

As mãos acordam sem conhecimento, apalpam algalias,  
engolem com a beberragem cápsulas.  
O arranhão de chinelos longínquos  
embala este meio sonho que rouqueja, rasga, calafeta.

Dentaduras, diarreia, ignotos soluços  
ocupam o que foi a alma.  
Os joelhos não querem o tronco,  
as veias não cumprem o alento.  
O cérebro recoberto por analgésico  
amolece na constrição de um armário.  
Sob soro furado por prescrições  
adormece torto na febre sem lei.  
[...]  
e, enquanto as nádegas gotejam sobre urina,  
não pode erguer os olhos esboroados. (APLPV, p. 52)

É assim que a escrita de Joaquim Manuel Magalhães se torna «po-ética», uma espécie de «novo-realismo [...] onde o encontro com o quotidiano e, paralelamente, a emergente capacidade de pôr em questão a sua ordem, ganham um acento de peculiar contestação»<sup>18</sup>. Numa época em que a SIDA é ainda considerada como a «doença dos

<sup>16</sup> MARIN, Claire. *La Maladie, Catastrophe Intime*. Paris: PUF, 2014, p. 41.

<sup>17</sup> SPOIDEN, Stéphane. *Op. cit.*, p. 10.

<sup>18</sup> GUIMARÃES, Fernando. *A Poesia Contemporânea Portuguesa e o Fim da Modernidade*. Lisboa: Caminho, 1989, p. 140.

paneleiros, como diz o povoléu»<sup>19</sup>, recai sobre os homossexuais um estigma social, além do medo e da vergonha. O vírus é uma punição quase que divina condenando atos «contra-natura». Essas vidas não normativas tornam-se desse modo «vidas precárias»<sup>20</sup>, como as definiu a filósofa Judith Butler, forçadas a rogar pelos seus direitos, e sempre ameaçadas de os perderem. Se «l'expérience de la maladie [est] radicalement politique [car] dépendante de l'état de la société, des représentations communes qui la stabilisent et des rapports de forces qui la font ou non avancer»<sup>21</sup>, o certo é que nem todas as medidas de prevenção e de proteção foram tomadas aquando do surgimento da doença, definida num primeiro momento como um «cancro gay». Daí a criação nos Estados Unidos, em maio de 1987, da *Aids Coalition To Unleash Power* (ACT UP), cujo lema «silêncio = morte»/ «ação = vida» vai se espalhar em todos os países da Europa democrática, para forçar os poderes políticos a apostarem na luta contra a SIDA, esses mesmos poderes políticos que forçavam, com suas leis e Código Civil, a maioria dos gays a viverem «vidas precárias». Em Portugal, país dos brandos costumes, nenhuma ACT UP será criada. No seu lugar, surgirá em 1992 uma muito lusitana Associação Abraço<sup>22</sup>, com sede no Bairro Alto, a trabalhar junto da população seropositiva e em políticas de prevenção ainda incipientes<sup>23</sup> no país. A sua fundadora, Margarida Martins, porteira da discoteca Frágil, vinha-se deparando com a doença e morte daqueles que tinham feito da Noite do Bairro Alto um grito de modernidade, e por isso decidiu reagir.

No entanto, «on peut sans aucun doute discerner une hiérarchie dans le deuil»<sup>24</sup>, daí, no início, esses mortos nem sempre serem chorados, e tudo permanecer num segredo, por causa da «vergonha» e do medo provocados pela doença: «um asco viaja na ferocidade/ da porta que entreabrem [...] // A solidão tem este nome, como sempre abandonado.» (APLPV, p. 53). Com a doença, muitas famílias descobriam uma vertente escondida da vida de um filho, irmão ou pai, ou um namorado que nem sempre podia acompanhar o companheiro na morte por a lei não o reconhecer como parceiro, familiar ou cônjuge: «a cama abandonada com as dobras sujas,/ os pensos em montão, a roupa alienada/ a que chamamos um nome que segredou.» (APLPV, p. 55).

Os versos de Joaquim Manuel Magalhães tornam-se portanto um ato de resistência contra o poder da norma e da violência não só simbólica feita a uma minoria com a qual se identifica:

Mas o poema fala, fala de si,  
apanha o real porque nele está  
quem o escreve, que sou eu  
que procuro deixar um sinal  
de quanto nos esmagam  
a todos os que são nós. (ANEAF, p. 38)

Escrever para «chorar» os que se tornaram «poeira levada pelo vento»: «Eu digo para mim que é esta/ a utilidade da poesia,/a lembrança.» (ANEAF, p. 60). Mas escrever

---

<sup>19</sup> VIEIRA, Pedro. *Última Paragem Massamá*. Lisboa: Quetzal, 2011, p. 11. Trata-se do primeiro romance português a retratar de maneira explícita a doença, ligada neste caso a uma relação homossexual. O romance de FONSECA, Ana Sofia. *Como Carne em Pedra Quente*. Lisboa: Clube do Autor, 2012, relata também o fim de vida de uma mulher que descobre, aquando de uma visita médica, que foi contaminada por transfusão sanguínea.

<sup>20</sup> Cf. BUTLER, Judith. *Qu'Est-ce qu'une Vie Bonne ?*. Paris: Payot, 2014.

<sup>21</sup> ZAOUÏ, Pierre. *La Traversée des Catastrophes*. Paris: Seuil/Points-Essais, 2013, p. 69.

<sup>22</sup> Fundada a 5 de Maio de 1992.

<sup>23</sup> O primeiro centro de rastreio anónimo do VIH só será criado em 2000, na Lapa, em Lisboa.

<sup>24</sup> BUTLER, Judith. *Vie Précaire*. Paris: Éditions Amsterdam, 2004, p. 59.



também para lutar contra os que «nos esmagam». Pois, «Decretos perecíveis parecem proteger-nos/ e depois outros nos distinguem/ e nos matam». (ANEAF, p. 38).

Dentro do panorama literário português, o poeta Joaquim Manuel Magalhães é um dos poucos a se ter debruçado sobre a SIDA e a ter retratado de maneira explícita e sem rodeios os seus efeitos na materialidade do corpo. O silenciamento da doença, até por parte de autores abertamente homossexuais cujos amigos ou amantes desapareceram, parece ser uma espécie de amnésia social, um exemplo radical da «não-inscrição» definida por José Gil: «em Portugal nada acontece [...]. Nada acontece, quer dizer, nada se inscreve – na história ou na existência individual, na vida social ou no plano artístico»<sup>25</sup>. Sendo assim, num país que se considerava até há pouco como «um jardim à beira mar plantado», a SIDA nunca aconteceu.

---

<sup>25</sup> GIL, José. *Portugal, Hoje: o Medo de Existir*. Lisboa: Relógio d'Água, 2005, p. 15.